Isabel Cadete Novais

JOSÉ RÉGIO

ITINERÁRIO FOTOBIOGRÁFICO

colecção presenças da imagem

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA * CÂMARA MUNICIPAL DE VILA DO CONDE

Isabel Cadete Novais

JOSÉ RÉGIO

ITINERÁRIO FOTOBIOGRÁFICO

colecção presenças da imagem

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA * CÂMARA MUNICIPAL DE VILA DO CONDE

O Mundo de Régio

Pensais que tenho limites, não pensais?
E tendes razão: estou cheio de limites. Mas
o meu grande Poema dar-me-ia ilimitado.

José Régio, *Colheira da Tarde.*

PROFUNDAMENTE consciente das suas responsabilidades como escritor, isto é, como *artista*, Régio nunca cessou de acreditar que, por detrás de um grande artista, há sempre, escondendo-se ou revelando-se, complicadamente, uma forte personalidade humana. Num dos seus mais belos poemas de grande fôlego, «Sarça Ardente», pergunta-se e responde: «E em tudo, o que vi eu? Um homem!» Esse homem «alimenta» o autor mas é sempre, e *também*, outra coisa: «One hates an author that's *all author!*», pode ler-se no *Beppo* de Byron, que ali se refere aos autores de livros, aos autores de papel, aos autores que só pensam em literatura 24 horas por dia, preocupados exclusivamente com a «merdouille» literária, até à náusea. Régio — sabe-o quem o conheceu ou quem simplesmente o leu com atenção meticulosa — não era um desses. Régio era *também* um homem e tinha o seu mundo profundamente humano. Ou antes: os seus mundos. Eternamente plural, eternamente dividido, eternamente aflito, eternamente rico.

Neste Itinerário Fotobiográfico, em boa hora aberto indiscreta e minuciosamente para os vários mundos de Régio pela amorosa atenção de Isabel Cadete Novais, confirma-se, uma vez mais, a asserção do escritor Red Smith, quando afirmava com trágica ironia: «Nada há de muito especial no que respeita a escrever. Tudo quanto há a fazer é uma pessoa sentar-se junto a uma máquina de escrever e abrir uma veia.»

Régio não usava máquina de escrever mas nunca hesitou em abrir uma veia, isto é, uma porta para o seu mundo interior: para o seu mundo de homem, para a sua reflexão profunda sobre a sua (e nossa) situação de homem (de homens), neste mundo complexo em que vivia (e vivemos). Numa carta que Miguel de Sá e Melo escreveu, em 24 de Abril de 1936, ao P.e Moreira das Neves, relatando o seu primeiro encontro com Régio, o jovem e malogrado ensaista dizia, entre outras coisas, o seguinte:

«Dela [da sua conversa com o poeta] me ficou ainda mais arreigada a convicção de que a sua mensagem estética é, ao mesmo tempo, e o mais aproximadamente possível, uma autêntica mensagem humana.» Miguel de Sá e Melo tinha razão: quando falávamos com Régio — e fizemo-lo interminavelmente — notávamos que fazia sempre muita questão de sublinhar o substrato humano subjacente às suas (e dos outros) criações.

Uma vez, mesmo, em jeito de provocação, um pouco para arrefecer o meu entusiasmo pelas especulações rarefeitas de Valéry, avançou, arregaçando ironicamente uma sobrancelha: «O importante são os temas...» Os que tanto o acusavam de esteticismo estreito teriam ficado surpreendidos.

Este abundante e sedutor acervo que agora se publica vai constituir, para muitos, um saudável choque. Há tanta ideia preconcebida acerca do homem que se escondia por detrás do poeta de *As Encruzilhadas de Deus*, tanta ideia feita acerca daquilo que lhe dizia ou não dizia profundamente respeito, tanto lugar comum repetido e recebido sem espírito de crítica ou de mera (e recomendável) desconfiança, que não pouca convicção confortavelmente aceite se vai estatelar e esmigalhar ao defrontar-se com os factos aqui minuciosamente agenciados. O esfarelar de confortos cuidadosamente solidificados é um dos espectáculos sublimes que a vida me tem proporcionado.

O jornalismo cultural português contribuiu não pouco para erigir, dedicadas a Régio, legendas redutoras mas com pés de barro. É tempo de estes se quebrarem como lhes compete — visto que são de barro. Observava o romancista inglês Arnold Bennett, que «os jornalistas dizem uma coisa que sabem não ser verdade, na esperança de que, se continuarem a dizê-lo, durante tempo suficiente, ela se torne verdadeira». Assim se formam as reputações, à revelia do significado profundo das obras — e das pessoas.

Rigorosamente, não era preciso este Itinerário para se saber o que são (ou foram) os mundos de Régio. A sua obra literária, nos vários pelouros em que se manifestou, é disso suficiente e eloquente testemunho. As veias do seu autor abriram-se sibilinamente para ela, a obra, em desabafo oblíquo e complicado, mas sincero e ardente. Da sua coragem, da sua humilde altivez, da sua riqueza humana e da sua agonia interminável — ela é abundante testemunho. Mas destapar, como agora se faz, de modo tão explícito, o pano de fundo humano que presidiu à elaboração de *Mas Deus É Grande*, do *Jogo da Cabra Cega* ou das *Histórias de Mulheres* pode ainda surpreender e até, nalguns casos, *assombrar* os que, nestas coisas, sofrem do mal da desatenção.

Régio é uma das maiores figuras da nossa história literária. Um dos seus poucos incontestáveis gigantes. Que isto constitua (fingida) surpresa irritada para tantos pode ser um sinal da nossa pequenez presente. Saber admirar é um sinal. Preferir não admirar é outro. Não ser capaz de admirar é ainda outro.

Que este Itinerário Biográfico possa, para uns, confirmar e *acrescentar*, para outros, ajudar a *revelar* e ainda, para outros, trazer os elementos necessários para uma desejada e salutar *revisão* — eis os nossos votos sinceros.

EUGÉNIO LISBOA

José Régio

CRONOLOGIA ABREVIADA

1901: A 17 de Setembro, pelas nove horas da noite, nasce José Maria dos Reis Pereira, em casa de seus pais, na Rua de Santo Amaro, em Vila do Conde.

1902: A 1 de Novembro, nasce o irmão Júlio Maria, seu companheiro de brincadeiras e de estudo.

1905: A 25 de Janeiro, nasce o irmão Antonino Maria.

1908: A 8 de Dezembro, nasce a irmã Ana da Conceição.

1911: Conclui a Escola Primária e matricula-se no Instituto de Vila do Conde que frequenta até ao 5.º ano do curso dos liceus.

- Entre os 12 e os 13 anos, escreve o seu primeiro caderno de poesias, intitulado *Violetas*.

1914: Durante as férias grandes, passadas na casa da avó paterna, em Baltar, organiza e escreve, de parceria com o irmão Júlio Maria e o primo António José, a *Revista de Baltar*, um caderno artesanal contendo histórias, desenhos e passatempos.

1916: Publica no jornal vila-condense *O Democrático*, o seu primeiro texto em prosa, intitulado «O castelo abandonado».

1917: A 9 de Fevereiro, nasce o irmão Apolinário José.

1918: Faz exames no Liceu Rodrigues de Freitas, situado na Rua de São Bento da Vitória, no Porto.

- Nesse mesmo ano, aí se matricula para frequentar os 6.º e 7.º anos, ficando hospedado como aluno semi-interno na Escola Académica, na mesma cidade.

- Projecta o seu primeiro romance «Maria de Magdala e Jesus de Nazareth», que não chega a concretizar, e colabora nalguns jornais da terra e arredores, sendo de realçar a colaboração contínua no jornal *O Democrático*, de Vila do Conde, entre Junho de 1916 e Janeiro de 1918.

1920: Termina o curso dos Liceus e vai para Coimbra, onde ingressa na Faculdade de Letras, no curso de Filologia Românica.

- A partir de então, faz algumas amizades que duram o resto da vida.

1921: Publica, pela primeira vez, com o pseudónimo José Régio, no jornal *A República*, de Vila do Conde, em 25 de Dezembro.

- Intensifica a colaboração em jornais e revistas literárias.

1922: A 17 de Dezembro, nasce o irmão mais novo, João Maria.

1923: Morre o avô paterno, António Maria Pereira.

- Provavelmente por esta altura, fruto de uma experiência amorosa, nasce-lhe uma filha que morre com tenra idade.

1925: Licencia-se defendendo a tese *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*. Este trabalho é publicado em edição privada, em Vila do Conde.

• Neste mesmo ano (a 31 de Outubro), subscreve uma carta dirigida à direcção da *Seara Nova*, saudando-a pelo quarto aniversário da revista. Assume, assim, pela primeira vez, publicamente, a sua atitude cívica. A carta é publicada no n.º 58 da *Seara Nova*.

1926: Edita, em Coimbra, o seu primeiro volume de poesia, *Poemas de Deus e do Diabo*, com capa de Júlio.

1927: Funda, em Coimbra, juntamente com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, a revista *presença*, «folha de arte e crítica».

1928: Termina o curso da Escola Normal e inicia a carreira docente no Liceu Alexandre Herculano, no Porto.

1929: Publica, em Coimbra, o volume de poesia, *Biografia*, edição com capa e três ilustrações de Júlio.

• Parte para Portalegre, onde é colocado no Liceu de Mouzinho da Silveira, como professor agregado, entre Outubro e Dezembro.

• Neste mesmo ano, é nomeado efectivo no Liceu do Funchal, mas acaba por se manter em Portalegre.

1930: É nomeado efectivo do Liceu de Chaves. Porém, consegue trocar com outro professor que fora nomeado para o Liceu de Portalegre, mantendo-se, assim, nesta cidade. Algum tempo mais tarde, sai a sua nomeação como efectivo no Liceu de Mouzinho da Silveira. Aí permanece até 1962, exercendo, além da docência, os cargos de director de ciclo e de bibliotecário.

1933: Colabora pela primeira vez na revista *Seara Nova* (n.º 354, de 7 de Setembro) com o poema «Exortação ao meu Anjo».

1934: Publica, em Coimbra, o romance *Jogo da Cabra Cega* que é apreendido pela Censura.

• Polemiza, no jornal *Fradique*, com Telmo Felgueiras, por este designar o seu romance de imoral.

• No mesmo jornal, alimenta polémica com Tomaz Ribeiro Colaço sobre o valor da poesia de António Botto.

• Publica a peça *Três Máscaras*, na revista *presença* (n.os 41-42).

• A par da produção literária, começa a desenvolver o gosto pela recolha de antiguidades nas aldeias dos arredores de Portalegre.

1936: Publica, em Coimbra, o volume de poesia *As Encruzilhadas de Deus* e, em Lisboa, o ensaio *Críticos e Criticados*.

• Integrando uma récita escolar, leva à cena, no Teatro Portalegrense, a sua peça *Sonho Duma Véspera de Exame*, «fantasia em um acto», sendo interpretada pelos seus próprios alunos (30 de Março).

1937: Inicia a publicação da peça *Jacob e o Anjo* (Prólogo e 1.º Acto) no primeiro número da *Revista de Portugal* (Outubro).

1938: Publica, no Porto, o ensaio *António Botto e o Amor*.

1939: Polemiza com Álvaro Cunhal na revista *Seara Nova* (n.º 619, 24 de Julho).

1940: Chega ao fim a revista *presença*.

• Publica, em Lisboa, o ensaio *Em torno da Expressão Artística* e, no Porto, o *Primeiro Volume de Teatro*, contendo as peças *Jacob e o Anjo* e *Três Máscaras*, com um «Posfácio» do Autor e capa de Júlio.

• Morre-lhe a irmã Aninhas, com 32 anos de idade.

1941: Publica, em Lisboa, a novela *Davam Grandes Passeios aos Domingos...*, em Coimbra, o volume de poesia *Fado* e reedita, em Lisboa, a sua tese de licenciatura, refundida, com o título *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*.

1942: Publica, em Lisboa, o romance *O Príncipe com Orelhas de Burro (História para Crianças Grandes)*.

• Inicia uma longa série de artigos intitulada «Problemas da Crítica Literária», na revista *Ocidente* (n.º 50).

1944: Organiza e prefacia as antologias poéticas *As mais Belas Líricas Portuguesas* e *Luís de Camões.*

1945: Publica, em Lisboa, o volume de poesia *Mas Deus É Grande* e o primeiro volume do romance *A Velha Casa, I – Uma Gota de Sangue.* De colaboração com Alberto de Serpa, publica, no Porto, a antologia *Poesia de Amor.*

- Participa na Comissão Promotora da Primeira Reunião dos Democratas de Vila do Conde (18 de Outubro).
- Participa na Comissão Concelhia do MUD (Movimento da Unidade Democrática), em Portalegre, tendo sido convidado a tomar parte na mesa que presidiu à sessão inaugural das actividades.
- Publica o seu primeiro artigo político, intitulado «A Democracia, os Intelectuais e o Povo», no jornal portalegrense *A Rabeca* (14 de Novembro).

1946: Morre-lhe a mãe, nas férias da Páscoa.

- Publica, no Porto, o volume de novelas, *Histórias de Mulheres,* com capa de Resende.
- Dá início a uma série de oito artigos no *Mundo Literário,* na rubrica «Da Literatura e da Crítica».
- Subscreve, com mais 206 intelectuais portugueses, uma representação de protesto ao presidente da República.

1947: Publica, no Porto, *As Raízes do Futuro,* segundo volume do romance *A Velha Casa* e *Benilde ou A Virgem-Mãe,* peça que vai à cena no Teatro Nacional D. Maria II, pela Companhia Robles Monteiro-Amélia Rey Colaço.

1948: É publicada na revista *La Commedia* (ano 4, n.º 6, de Dezembro) a tradução italiana da peça *Benilde ou A Virgem-Mãe.*

1949: Integra a Comissão Distrital de Portalegre para a candidatura à Presidência da República do general Norton de Matos.

- Publica num opúsculo dos Serviços da Candidatura, «O Recurso ao Medo», artigo que tinha sido interdito de publicação, pela Censura, no jornal *República.*
- Colabora no jornal *A Rabeca,* com uma série de artigos políticos, em apoio à campanha de Norton de Matos: «Entre Dois Regimes», «Perguntas Indiscretas» e «Democracia e Religião de Cristo».
- Publica, em Coimbra, *El-Rei Sebastião,* poema espectacular em três actos.

1952: Publica, em Lisboa, o ensaio «Multiplicidade de Jesus», como texto de apresentação da obra *Cristo tal como os Pintores, Escultores e Poetas Portugueses O Viram, Sentiram e Entenderam.*

- Estreia, em 31 de Dezembro, no Studio des Champs-Elysées, em Paris, da peça *Jacob e o Anjo.*

1953: Publica, em Vila do Conde, *Os Avisos do Destino,* terceiro volume do romance *A Velha Casa.*

- Publica, em Coimbra, *Introduction a Teixeira de Pascoaes,* em separata do *Bulletin des Études Portugaises.*
- Inicia a redacção de *Confissão Dum Homem Religioso,* obra que vai realizando, com algumas interrupções, até morrer.

1954: Publica, em Lisboa, a tragicomédia em três actos, *A Salvação do Mundo* e o volume de «sátiras e epigramas», *A Chaga do Lado.*

1955: Período de doença, após uma pequena intervenção cirúrgica.

- Publica, em Lisboa, a 4.ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo.*
- Publica, em Lisboa, na colecção «Mosaico», *A História de Rosa Brava* e na colecção «Novela», *O Vestido Cor de Fogo,* novelas extraídas do volume *Histórias de Mulheres.*

1956: A Emissora Nacional transmite uma versão radiofónica da peça *Jacob e o Anjo.*

- Vai à cena *A Salvação do Mundo,* pelo grupo cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa (estreia em 28 de Abril).

• Organiza e publica a antologia *Poemas de ontem e de hoje para o Nosso Povo Ler*, na colecção da Campanha Nacional de Educação de Adultos.

• Vê reeditadas, em Lisboa, duas das suas primeiras obras poéticas, *Biografia* e *As Encruzilhadas de Deus*.

• É publicada a tradução italiana de *Jacob e o Anjo*, por Giuseppe Carlo Rossi, em *Teatro Portoghese e Brasiliano* (Milão).

1957: Morre-lhe o pai, após doença prolongada.

• Publica, em Lisboa, de parceria com Alberto de Serpa, *Alma Minha Gentil*, Antologia da Poesia de Amor Portuguesa, e o seu volume de teatro *Três Peças em Um Acto: Três Máscaras, O Meu Caso* e *Mário ou Eu Próprio — o Outro*.

• Reedita, em Lisboa, o livro de poesia *Fado*, com ilustrações de Stuart de Carvalhais.

1958: Em colaboração com Alberto de Serpa, organiza e publica a Antologia da Poesia Religiosa Portuguesa, *Na Mão de Deus*.

• Adere ao movimento de candidatura do general Humberto Delgado à Presidência da República, embora não participe activamente.

• Vai à cena, pelo Grupo de Teatro dos Estudantes de Coimbra, numa encenação de Paulo Quintela, a peça *Mário ou Eu Próprio — o Outro*, no Teatro Avenida, em Coimbra (estreia em 17 de Maio).

1960: Publica, em Lisboa, *As Monstruosidades Vulgares*, quarto volume do romance *A Velha Casa*.

• Retoma a redacção de *Confissão Dum Homem Religioso*.

1961: Publica, em Lisboa, o volume de poesia, *Filho do Homem*, com capa de Tóssan.

• Recebe o Prémio *Diário de Notícias*, destinado a homenagear o vulto mais destacado das Letras Portuguesas.

1962: Aposenta-se das suas actividades docentes, passando, a partir de então, a viver temporariamente em Portalegre e em Vila do Conde.

• Publica, em Lisboa, o volume de contos *Há mais Mundos*.

• Passa a colaborar com regularidade no jornal *Diário de Lisboa*.

1963: Recebe o Grande Prémio de Novelística, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Escritores, pela última obra publicada *Há mais Mundos*.

• Recusa-se a apresentar a candidatura à Academia das Ciências de Lisboa.

1964: Vende a casa da Boavista à Câmara Municipal de Portalegre, conservando, no entanto, o seu usufruto vitalício.

• Publica, em Lisboa, na colecção de «Obras Completas», o volume de *Ensaios de Interpretação Crítica*.

1966: Parte para Vila do Conde e fixa residência na casa herdada da madrinha Libânia.

• Publica, em Lisboa, *Vidas são Vidas*, quinto volume do romance *A Velha Casa*.
• Adoece e dá entrada no Sanatório Rainha D. Amélia, em Lisboa, onde fica internado cerca de quatro meses, devido a uma afecção pulmonar.

1967: Publica, em Lisboa, *Três Ensaios sobre Arte:* «Em torno da Expressão Artística», «A Expressão e o Expresso» e «Vistas sobre o Teatro».

• A casa de Vila do Conde sofre alterações para poder acolher as antiguidades que vai adquirindo.

1968: Publica, em Lisboa, o seu último volume de poesia, *Cântico Suspenso*.

- Polemiza no jornal *A Capital* sobre o filme *Bonnie e Clyde*, de Arthur Penn.

- Vai à cena *Jacob e o Anjo*, pela Companhia do Teatro Popular de Lisboa, com encenação de Orlando Vitorino (estreia em 22 de Maio).

- Em Novembro, retoma a redacção de *Confissão Dum Homem Religioso*.

1969: Recusa o convite para apresentar a candidatura ao Prémio Nacional de Literatura, do S.N.I.

- A 8 de Outubro, assiste à apresentação dos deputados da CEUD (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática), no Porto.

- A 9 de Outubro, sofre um enfarte do miocárdio que o força a dois meses de imobilização no leito.

- A 22 de Dezembro, morre pela madrugada, na sua casa de Vila do Conde.